



## **SOBRE A NOÇÃO DE LEITURA: CONCEPÇÕES DISCENTES**

Géssika Cecília Carvalho da Silva<sup>1</sup>  
Marcos Antônio da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma breve discussão sobre a noção de leitura na sala de aula, mais especificamente partindo do ponto de vista dos discentes. Para tal empreendimento, nos ancoramos nas discussões linguísticas acerca das concepções de leitura ao longo do tempo até chegarmos às noções de leitura enquanto processo de interação, concepção esta utilizada por todos aqueles que percebem a linguagem enquanto um fenômeno social e interacional. Em relação à metodologia, aplicamos um questionário com alunos de uma turma de primeiro ano do ensino médio, com o intuito de identificar como eles conseguem perceber e definir o processo que envolve a leitura. Como resultado, podemos pontuar que os discentes não conseguem formular uma resposta muito precisa quando são perguntados sobre o que é leitura ou que é ler. A maioria das respostas, como veremos nas análises, ficou em um nível muito superficial, o que, talvez, seja explicado pelo próprio fato de que muitos alunos não conseguem ler de forma eficaz um texto, uma vez que não entendem o que significa a atividade de ler.

**Palavras-chave:** Ensino, Discentes, Leitura, Sala de aula.

### **1. INTRODUÇÃO**

A prática da leitura na Idade Média era restrita ao clero e à nobreza, visto que os livros eram objetos de difícil acesso. A leitura era sempre realizada em grupos, mas o leitor era o indivíduo (nesse caso, um homem) que possuía o livro e também aquele que sabia ler.

Ainda nesse período, há, constantemente, o controle da Igreja Católica sobre a leitura da Bíblia e de outros textos. Durante a ditadura, entre nós, brasileiros, os livros foram classificados como subversivos e ainda queimados, sobretudo, os livros considerados “comunistas”.

No século XVIII, na França, tem-se a realização constante dos salões de leitura. Em rituais coletivos, intelectuais liam e discutiam textos. Esses serões, também realizados aqui o Brasil, por uma parte “excluía” as pessoas, uma vez que não eram todos que participavam da(s) leitura(s), visto que nem todos sabiam ler, (sobretudo, uma grande parte das mulheres). Por outro lado, esses serões permitiam que grupos de pessoas, alfabetizadas e não

---

<sup>1</sup>Doutora em Sociologia pela UFPB. Professora Efetiva do IFAL – Campus Murici, [gessikacecilia@hotmail.com](mailto:gessikacecilia@hotmail.com);

<sup>2</sup>Doutor em Linguística pela UFPB. Professor Efetivo do IFAL – Campus Murici, [marco\\_sil2@hotmail.com](mailto:marco_sil2@hotmail.com).



alfabetizadas, reunissem-se em um mesmo ambiente, em virtude de um ritual destinado à apreciação de bons textos.

A partir da produção dos folhetins, nome dado aos capítulos de romances que eram publicados em jornais, é que surge, no Brasil, durante o período do Romantismo, o hábito da leitura. *O guarani*, de José de Alencar, é um exemplo dentre os muitos romances publicados dessa maneira.

Da Idade Média aos dias atuais, observa-se que as figuras do leitor, mesmo aquele vigiado, e da prática de leitura estão presentes, sejam nos serões, nas praças ou nas reuniões familiares. Percebe-se, então, a prática de leitura, nesses casos, como a aproximação entre as pessoas e a produção cultural e a sociedade. Convém ressaltar que muitos textos lidos nesses serões ou presentes em livros didáticos mais antigos são de caráter disciplinar, com ensinamentos e regras para uma vida em sociedade ou lições de civilidade (cf. LUZ, 1953). De certa forma, esses textos representavam o modelo de vida a ser vivida e aquele que se esperava que a sociedade da época seguisse.

Chegando aos dias de hoje, percebe-se que muito vem sendo discutido sobre a extrema importância da prática da leitura na sala de aula, assim como a produção de textos escritos e orais, uma vez que tanto se discute sobre gêneros textuais em sala de aula. É de conhecimento de todos também a importância da liberdade de criação e autonomia, diante das exigências que a sociedade impõe aos indivíduos, que essas atividades podem trazer aos alunos. Mas que concepção de leitura deve ser adotada nas escolas? Que concepções de leitura vêm sendo adotadas pelas escolas (professores)? E, tão importante quanto essas últimas questões é: como os alunos concebem a noção de leitura.

O nosso objetivo, neste trabalho, é justamente o de observar o posicionamento dos alunos em relação à atividade de leitura. Para tanto, aplicamos um questionário aberto/subjetivo com apenas quatro perguntas com os alunos de uma turma de primeiro ano técnico do curso de Agroindústria do IFAL - Campus Murici, no início do ano letivo de 2019.

No dia da aplicação do questionário, apenas trinta alunos estavam presentes, assim, não poderemos determinar de forma hermética as considerações nas análises finais. Os alunos são recém chegados ao instituto, daí a aplicação do questionário enquanto uma atividade diagnóstica, com o intuito de avaliarmos o nível em que os alunos concluíram o nono ano.

Maiores detalhes serão apresentados no momento oportuno, quando das análises das respostas.



Antes de tentar discutir essas questões, faz-se necessário expor um breve panorama de como a leitura é abordada por algumas correntes linguísticas e as contribuições que esses estudos trouxeram às nossas práticas diárias de sala de aula.

## **2. A NOÇÃO DE LEITURA NAS CORRENTES LINGUÍSTICAS**

### **2.1 Leitura e Estruturalismo**

Em seu *Cours de Linguistique Générale*, Saussure (1916) propôs a língua como um sistema de regras, de códigos, social e estático. Esse linguísta franco-suíço determinou-se a estudar apenas a *langue*, deixando de lado a *parole*, por acreditar que, por ser a língua um sistema de regras estruturais, seria suficiente apenas analisar o que estava presente na estrutura das frases. Algumas outras questões foram difundidas no CLG, entre elas as famosas dicotomias: *significante x significado*, *diacronia x sincronia*.

Ao considerar somente a *língua* como objeto de estudo, Saussure ignora a *parole* (que o mesmo considera como sendo o uso da língua), propondo, então, uma análise restrita à estrutura da frase. Quando esse linguísta postula que o signo é unitário, compreende-se que o signo possui apenas um significado em qualquer situação/contexto, fator esse também desconsiderado. Saussure e outros estruturalistas compreendem que a língua é um sistema “sui gênesis”, podendo ser estudada sem auxílio de qualquer outra disciplina da área das ciências humanas e da linguagem.

A língua é percebida, dessa forma, com uma visão unidisciplinar, pois ela em si só se basta para a análise de palavras e frases. Com essa concepção de língua, percebe-se, portanto, que a leitura é vista como uma decodificação do signo. Logo, ler é decodificar. O papel do leitor consiste, tão somente, em decodificar signos. Consequentemente, o texto seria nada mais que um amontoado de palavras que poderiam ser facilmente separadas e, ainda assim, compreendido como um todo.

### **2.2 Leitura e Gerativismo**

Noam Chomsky é uma das figuras mais representativas da corrente gerativista. As ideias defendidas por esse estudioso em *Syntactic Structures* (1957) fundam a chamada *gramática gerativa*. Essa gramática tratava-se de uma crítica à forma de análise com base nos princípios do estruturalismo.

Enquanto Saussure propunha um signo unitário, Chomsky procurou observar e analisar as frases com base em dois níveis: a *estrutura profunda* e a *estrutura superficial*. Para



tanto, esse gerativista postulou as noções de *competência* e *desempenho*. Competência refere-se ao conhecimento interno que o indivíduo tem das regras da língua, e desempenho, ao uso que o indivíduo faz desse conhecimento.

Assim como Saussure dedicou-se a estudar a *langue*, Chomsky, embora considerando a competência e o desempenho, deteve-se mais especificamente à primeira questão, ou seja, tratou a língua num plano abstrato, como um conjunto, rejeitando, como o estruturalismo, a língua em uso.

Ao desconsiderar a língua em seu uso, a mesma assume um papel de estrutura, que é a frase. A leitura então é feita a partir da aplicação das regras gramaticais possuídas pelos indivíduos falantes de uma determinada língua. Ler, nesse caso, é conhecer regras gramaticais e aplicá-las corretamente.

### **2.3 Leitura e Funcionalismo**

A noção de sujeito apresentada pelo funcionalismo constitui um dos elementos mais importantes para a construção da concepção de leitura proposta por essa corrente. Anteriormente, o indivíduo que decodificasse ou aplicasse regras gramaticais era considerado um leitor. Assim, as crianças nos primeiros anos de escola, ao reconhecerem os caracteres gráficos e conseguirem decodificar esses caracteres, logo eram chamados/denominados de leitores.

O funcionalismo considera que os indivíduos produzem seus discursos a partir de uma situação, de uma interação. Assim, diferentemente do estruturalismo e do gerativismo, nem o signo é unitário nem o uso da língua pode ser descartado. O funcionalismo também percebe, em oposição às duas outras correntes, que a leitura sofre influências de fatores de ordens cognitiva, social e cultural, a partir de uma visão multidisciplinar da língua e de contribuições de outras disciplinas, como a psicologia e a biologia. Logo, para o funcionalismo, o leitor é visto como um indivíduo que age, que atua e interage com o texto. O texto, nesse caso, assume a função não mais de um depósito de frases, às vezes, desconexas, mas é um espaço/lugar de interação entre autor e leitor.

Bakhtin (1997), que crítica o fato de teorias anteriores aos seus estudos desconsiderarem o uso da língua, propõe uma concepção de língua enquanto *atividade social* e *interacional*. Contribuições como a desse autor propiciaram aos estudos hodiernos das questões linguísticas uma visão mais pragmática da língua, no sentido de considerarem as relações existentes entre a língua, os usuários e os contextos de produções de textos orais e escritos.



### 3. A LEITURA NA SALA DE AULA: LUGAR DE INTERAÇÃO?

A prática do ensino de leitura nas escolas, mesmo diante de tantas teorias existentes e uma enorme quantidade de trabalhos sobre o tema, ainda persiste em ser realizada de forma equivocada. Os alunos, muitas vezes, são levados a ler textos que nada têm de interessante para eles, que nada dizem sobre seu(s) universo(s). Textos que quase sempre estão presentes nos livros didáticos e que nada têm a ver com sua(s) realidade(s).

Em relação ao livro didático, sabe-se que muitos deles são excelentes, mas muitos trazem textos incompletos, trechos, às vezes, insignificantes de poemas, entre outras questões que dificultam a realização de um trabalho, quando o único meio que se tem nas mãos é esse manual.

Ao analisar manuais didáticos de língua portuguesa e, quanto ao ensino de língua e de leitura, Sousa (2002, p.127) constatou que esta última “[...] acaba sendo uma obrigação”, já que essa atividade é uma sequência sustentada pelo texto, sendo este utilizado tão somente como pretexto para o ensino de gramática. Logo, uma vez adotada essa postura diante da leitura, faz-se com que essa atividade fique restrita apenas à sala de aula.

Silva e Zilberman (2001, p.115), sobre o trabalho com o texto e sua relação com a leitura, afirmam que:

O trabalho com o texto destina-se ao desvelamento desse, e não à sua descrição pura e simples. Assim, o desvelamento do texto, por evidenciar suas relações internas visando à comunicação e a persuasão, tem como o seu lugar na cultura e na sociedade, dessacraliza-o, transformando-se, concomitantemente, no ponto de partida para o conhecimento amplo dos mecanismos institucionais. Dessa maneira, as operações de leitura, paulatinamente vão desencadeando e expandindo, em proporção crescente, o processo de conscientização, conforme a logicidade, a integração e a coerência do currículo escolar.

Uma concepção de leitura baseada na proposta dos autores acima possibilita a transformação do indivíduo enquanto ser humano, enquanto leitor ativo, atuante e crítico, frente às exigências da sociedade, tornando-os, assim, aptos a não apenas apreender os sentidos dos textos, como também criticá-los.

Alguns autores estudiosos dessas questões concebem a leitura como uma atividade de interação. Entre eles está Orlandi (1983, p. 173), quando afirma que:



A leitura é o momento da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto.

É possível observar que esse “momento privilegiado da interação” é o responsável pelos sentidos do texto, sentidos esses que só serão possíveis se/quando o leitor acessar os conhecimentos exteriores ao texto, suas vivências/experiências, suas leituras de mundo. Esse processo interacional na construção dos sentidos do texto é realizado pelos leitores através das inferências e, como sustenta Soares (1988), o lugar do leitor e sua relação com a sociedade são extremamente relevantes para a produção da significação do texto.

De acordo com Dell'isola (2001, p. 224), “[...] um texto é capaz de evocar uma multiplicidade de leituras em diferentes leitores, porque cada leitor gera inferências segundo seu conhecimento de mundo”. Pode-se acrescentar à afirmação da autora que essas possíveis leituras são geradas, também, pelos diferentes objetivos e necessidades que esses leitores apresentam durante o processo de leitura.

Conforme propõe Batista, (1991, p. 38), “[...] é de suma importância que o professor tenha em mente os processos e as tensões que marcam e marcaram o ato de ler”. Ou seja, é *myster* que o professor tenha conhecimento sobre a disciplina que leciona e que concepção de língua adotar. Dessa forma, as concepções de leitura e de língua que permearão a sala de aula são de extrema relevância para a realização de um trabalho/ensino eficaz de leitura, pois serão elas que guiarão o caminho correto a seguir.

Por conseguinte, entende-se que, ainda segundo esse autor, relações entre autor, texto, leitor devem ser consideradas relevantes, quando da leitura de um texto, bem como o contexto sócio-cultural dos momentos de produção do(a) texto/leitura.

Silveira (1998), ao analisar a situação do ensino de língua, detectou que o mesmo ainda é realizado de forma tradicional; que a preocupação do professor é tão somente corrigir os “erros” gramaticais e vocabulares dos alunos e que, em relação ao ensino da leitura, esta tem um espaço insignificante na sala de aula.

Na concepção dessa autora, o ensino de língua “[...] é designado geral, pois é direcionado para um aluno ideal, abstrato, com o perfil de um indivíduo douto e elegante ao falar.” (1998, p.136). Essa prática, ainda conforme essa autora, pode ser “justificada” pela “[...] questão da clientela antes elitista e agora popular” (op. cit).

A escola, antes da democratização do ensino, era um espaço frequentado apenas pela elite, pois era pequena a parcela daqueles que tinham condições/*status* para frequentar a



escola. Essa minoria ia à escola com o objetivo de aprender a habilidade escrita da língua, por já dominar, muito bem, a habilidade oral, aprendida no âmbito familiar.

Com o processo de democratização do espaço escolar, alunos de diferentes classes sociais começaram a frequentar o mesmo ambiente, entretanto a escola não respeitou os conhecimentos trazidos por esse novo público e continuou, portanto, seguindo com a velha prática do ensino da norma culta/padrão da língua.

Conquanto, parece estar-se longe de proporcionar aos alunos aquilo que propõem os documentos oficiais que regem o ensino no Brasil, seja no tocante às condições (espaço físico) para a prática de leitura, com o suporte dos inúmeros gêneros textuais que circulam na sociedade, seja no que se refere à prática, já enraizada em alguns docentes, dessa atividade, buscando tão somente uma boa pronúncia das palavras e correta entonação, por parte dos alunos.

### **3.1 O PONTO DE VISTA DOS DISCENTES SOBRE A NOÇÃO DE LEITURA**

A atividade, aplicação de um questionário com quatro perguntas, foi realizada com uma turma de trinta alunos do primeiro ano técnico do curso de Agroindústria do IFAL-Campus Murici, no ano de 2019. A atividade teve como objetivo inicial observar o nível dos alunos egressos do nono ano e recém chegados ao instituto.

Dos trinta alunos presentes, apenas dois não responderam ao questionário. As quatro perguntas apresentadas foram:

- 1 - Você tem o hábito de ler? Se sim, o quê e com que frequência você lê?
- 2 - Para você, o que é ler?
- 3 - A que você atribui o seu desejo, o falta dele, pela leitura?
- 4 - Qual a importância da leitura para a vida de uma pessoa?

Na verdade, como era o primeiro contato com a turma, muito mais do que uma forma de como os alunos compreendiam o processo de leitura, nosso intuito era o de traçar um diagnóstico em relação ao nível de escrita dos alunos. Dessa forma, após conversar com a turma sobre a leitura, sobre os livros mais vendidos no mercado, aqueles que estavam fazendo sucesso, que tinham se transformado em filmes/séries, foi solicitado aos alunos que respondessem, de forma livre, por meio de um questionário aberto, com questões subjetivas, essas quatro perguntas.



Todo o cuidado foi tomado para que não houvesse identificação dos alunos. Assim, eles precisaram apenas colocar a idade e o sexo, não sendo necessário, portanto, a assinatura, ainda que aqueles outros dois dados não fossem decisivos para nós, naquele momento.

Não nos deteremos em quantificar as respostas, até porque não era esse o nosso objetivo. Assim, traremos para este texto apenas algumas respostas à pergunta de número 2, e suas análises. Destacamos que os textos dos alunos não sofreram qualquer tipo de alteração.

As respostas, conforme veremos a seguir, foram as seguintes.

- 1 – É entrar no mundo dos livros, imaginar as situações mostradas na leitura, é imaginar você no livro.
- 2 – Adquirir conhecimento.
- 3 – É saber o que está escrito em algum lugar.
- 4 – Se auto-desenvolver, tanto na leitura como na escrita e fala.
- 5 – Conhecimento para novas culturas e novas palavras.
- 6 – Viajar nas histórias e obter novos conhecimentos.
- 7 – Ler é um modo de se passar um tempo que você gosta com coisas que vão te levar pra frente e a leitura foi feita pra se distrair.
- 8 – Absorver conhecimento.
- 9 – Ler é importante, pois consigo viajar no pensamento.
- 10 – Ler pra mim é uma mistura de letras e história que me leva a conhecer outro ponto de vista.
- 11 – Ler é entender o que alguém quer transmitir.
- 12 – Ler é a essência da aprendizagem para a vida do indivíduo.

Como é possível observar, por meio da leitura das respostas dos alunos, o conhecimento sobre a atividade de leitura é visto de forma muito superficial. Muitos alunos, assim como o número 6, responderam que é viajar nas histórias. Da mesma forma, muitos alunos entendem o processo de leitura tão somente como o número 8, como uma forma de absorver conhecimento.

O aluno 11, como podemos observar, respondeu que “ler é entender o que alguém quer transmitir”, como se a leitura fosse apenas transmissão de conhecimento. O aluno 12 foi um pouco mais longe e demonstrou, com sua resposta, qual seria a importância da leitura para o indivíduo.





É muito comum, também, encontrarmos respostas como a do aluno de número 7 que, de certa forma, generaliza a leitura como uma forma de distração. Vemos que, às vezes, a leitura é distração e, outras vezes, é usada para obter conhecimento, conforme os alunos.

O aluno 10 demonstrou um pouco mais de conhecimento ao pontuar que a leitura leva a conhecer outro ponto de vista. De fato, considerando a noção de leitura enquanto processo de interação, quando o leitor se aproxima do texto, ativa seus conhecimentos e, com isso, produz novos sentidos para aquilo que está sendo lido. Assim, entendemos que o aluno 10 foi o que mais se aproximou de um entendimento preciso em relação à noção de leitura.

Naturalmente, entendemos que essa falta de noção sobre o que é ler/leitura tem relação com a própria história de vida dos alunos, enquanto “leitores” que realizam leituras deficitárias.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após as análises das respostas aqui apresentadas, entendemos que o conhecimento, por parte do professor, do seu objeto de ensino é essencialmente importante para a realização do seu trabalho, não apenas como professor conhecedor dos conteúdos gramaticais, mas como orientador/incentivador/mediador e formador de seres pensantes e atuantes na sociedade.

Logo, pensar a leitura, hoje, tão somente enquanto processo de decodificação é desmerecer todas as pesquisas e estudos realizados em torno dessa prática, muito embora não se possa esquecer que o primeiro passo da leitura esteja no nível da decodificação, mas que aquela não deve ficar restrita a esta. Faz-se necessário considerar as experiências e conhecimentos vividos pelos aluno/indivíduos e que estes trazem para o ambiente escolar e, ainda, conceber que esses conhecimentos, quando acionados, são responsáveis pelas diferentes representações produzidas pelos leitores, em relação a um texto-base.

É preciso considerar o texto passível de múltiplos sentidos e que a construção desses sentidos, pelos leitores, é um processo complexo de ações entre fatores internos e externos ao texto e, sobretudo, um ato interativo.

Vimos, com as análises, que os alunos não compreendem, ainda, a complexidade que envolve o processo de leitura. Tal situação pode se dar seja porque o professor também não entende esse processo ou porque entende, mas ensina de uma outra forma. O fato é que, por não entenderem o que é ler e os fatores que são ativados no processo de leitura, consequentemente, os alunos não conseguem realizar leituras profícuas dos textos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BATISTA, Antônio A. G. Sobre Leitura: Notas para a concepção de uma leitura de interesse pedagógico. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 10, n-52, out/dez, 1991.
- BRASIL, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CHOMSKY, N. **Structures syntatiques**. Paris: Seuil, 1957. [Estruturas Sintáticas. Lisboa: Edições 70].
- DELL`ISOLA, R. L. Péret. **Leitura**: referências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- KOCH, Ingedore. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUZ, José Batista. **Português Ginasial** – prima e segunda séries. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1953.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, M. N. & CURY, M. Zilda. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da & ZILBERMAN, Regina: Pedagogia da leitura: movimento e história. In: **Leitura**: Perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, p. 111-115, 2001.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Leitura: produção interacional de conhecimentos. In: Neusa Maria Barbosa Bastos. (Org.). **Língua Portuguesa - História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo: Cortez, v. p. 135-152. 1998.
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais de leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura**: Perspectivas interdisciplinares. São Paulo, Ática, p. 18-29, 2001.
- SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.